

A Ciência dos Tempos de Deus

(A Profecia Maravilhosa das Setenta Semanas de Daniel Capítulo 9)

No capítulo nove, versículos 24 a 27, do Livro de Daniel, temos a importante revelação feita pelo anjo Gabriel a Daniel acerca das «setenta semanas» determinadas sobre o seu povo, e sobre a santa cidade; período esse dentro do qual Deus iria cumprir a Sua obra em relação às promessas feitas outrora a Abraão e a Davi.

Este fragmento da Escritura é uma das porções Sagradas que melhor evidencia a Sabedoria de Deus e a sua capacidade de dominar o tempo e os seus acontecimentos. Por ela vemos que a História é o que Deus quer, quando quer e como quer. O Senhor é que sabe o que faz da humanidade e da terra. O Senhor é o dono do tempo e dos seus acontecimentos. Nada acontece ao acaso. Ele programa as coisas; e, quando quer, faz com que elas aconteçam, no momento exacto: no Seu tempo.

A profecia a Daniel, sem dúvida, foi dada em parte para lhe servir de conforto e aos judeus desse tempo que iam passar por dias angustiosos. Mas passavam-se os anos e o mistério não se explicou, até que muito mais tarde lemos no Evangelho de Lucas de alguns, que estudando as Escrituras e orando, principiaram a ler o número dos anos, e pelos sinais dos tempos, concluíram ter chegado o tempo em que podiam «**esperar a consolação de Israel**», (Luc. 2:25). Era claro que pelas «setenta semanas» devia-se entender 70 *semanas de anos*, o que equivale, tomando um dia por um ano, ou seja, 490 anos.

O ponto de partida desta profecia, vemo-lo no versículo 25: «Desde a saída da palavra para fazer tornar e para edificar a Jerusalém». No segundo capítulo do livro de Neemias, lemos das ordens dadas pelo rei Artaxerxes em resposta ao pedido de Neemias, para que a cidade se reedificasse. Foi, ao que parece, no dia do ano novo judaico, o dia 1 do mês Nizan, ou seja, no dia 14 de Março, no ano vigésimo do rei Artaxerxes, isto é, o ano 445 A.C. que isso se deu, ano esse, portanto, em que começou a decorrer as 70 semanas proféticas.

Notamos que este período se acha dividido em três partes, a saber, 7 semanas + 62 semanas + 1 semana. A primeira parte de 7 semanas, ou seja, 7 x 7, é igual a 49 anos, que corresponde ao tempo necessário para a restauração da cidade de Jerusalém, levadas avante em tempos angustiosos.

Depois temos a segunda parte, as 62 semanas, que com as primeiras 7 semanas somam 69 semanas, ou seja $69 \times 7 = 483$ anos, precisamente o tempo calculado entre o dia 14 de Março do ano 445 antes de Cristo e o dia 6 de Abril do ano 32 da nossa Era; dia esse em que, ao que parece, Jesus entrou publicamente em Jerusalém como o Messias, sentado num jumento segundo a profecia de Zacarias. Este intervalo mediu, segundo uma contagem de Sir Robert Anderson, coadjuvado pelo astrónomo real inglês, exactamente 173,880 dias, ou seja, calculado em anos proféticos de 360 dias, precisamente 483 anos, isto é 7 vezes 69.

Aqui temos a prova evidente do Senhor Jesus Cristo ser o Messias da profecia, pois apareceu em Jerusalém precisamente no tempo predito, e, segundo alguns eruditos na matéria, foi crucificado precisamente no tempo em que terminou a 69ª semana profética.

Passados uns dias, continua-mos a ver que a Nação de Israel insiste em não reconhecer O Senhor Jesus Cristo como o seu Messias, a rejeitar o Seu Reino Messiânico, e a entregar as rédeas do mundo aos gentios – como até ali vinha acontecendo com o Império Romano. Por isso, e não obstante Pedro dizer que o Pentecostes era a continuação do cumprimento da profecia (no caso, de Joel), e que já referimos, Deus suspende a Profecia, não dando início à 70ª semana, para introduzir um novo programa: a Dispensação da Graça. É um programa que não estava previsto na Profecia, e desde a sua origem, processo, objectivos e conclusão estava oculto na revelação dos profetas. É um programa revelado exclusivamente a Paulo para a Igreja “Corpo de Cristo”.

Pedro, já na sua II Epístola – e sem se contradizer quanto a Actos 2:16 e seguintes – diz que O Senhor não veio (o cumprimento ou o fim da 70.ª semana), porque foi “longânimo”,

introduzindo um «tempo de salvação de longanimidade, conforme foi revelado a Paulo» e não conforme estava revelado nos profetas! (II Ped. 3:9, 15-16).

Passados cerca de 40 anos da morte do Senhor, vieram os exércitos romanos e destruíram a cidade e o santuário, como confirmação de que o programa de Deus para o homem, hoje, não passava pelo templo, nem por Jerusalém, mas directamente pelo coração humano: «a todos e em todo o lugar» (Act. 17), e que aquele programa messiânico ficaria suspenso até que se concluísse a Dispensação da Graça. Paulo diz: **«Porque, irmãos, não quero que ignoreis este “Mistério” (ou segredo), que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos Gentios haja entrado»** (Rom. 11:25). E esse momento corresponde ao arrebatamento da Igreja – o último mistério do “Grande Mistério” da Igreja a ser cumprido. Só depois é que cumprirá a última semana de anos, ou seja: sete anos.

Esses dias que fazem parte das «setenta semanas de Daniel», correspondem **«aos tempos dos gentios»** (Luc. 21:24) (não confundir com plenitude dos gentios). São caracterizados, por um lado, por tempos de inimizade contra Deus, tanto de Israel (em parte, pois só se converterá no fim da G. T.) como do mundo, e por outro, por tempos de aflição do dia da ira de Deus sobre o mundo. É o “Tempo do Fim», ou os eventos que ocorrerão no fim dos tempos.

De uma forma mais minuciosa e desenvolvida o Livro do Apocalipse fala deles: o fim da história do **«tempo dos gentios»**, que precederá **«o tempo do Senhor»**, ou **«O Dia do Senhor»**, com a implantação do Seu Reino Milenial.

Esse período de 7 anos é dividido em duas metades, tanto em Daniel, como em Mateus 24, ou no Livro do Apocalipse, sendo a primeira metade chamada de *«princípio das dores»*, e a segunda metade de *«grande tribulação»*.

O facto científico do rigor destas datas foi desenvolvido por alguns cientistas e estudiosos na matéria, sendo de destacar *Sir Robert Anderson*, no seu livro *«Daniel is the Critic’s Den»*, onde afirma o seguinte: «Desde o ano 445 A.C. até ao ano 32 A.D., faz 476 anos – 173,740 dias (476 x 365 + 116 dias pelos anos bissextos). Do dia 14 de Março a 6 de Abril, contados inclusivamente segundo o costume judaico, perfaz 24 dias, e 173,740 + 116 + 24 = 173,880 dias, e isto resolvido em anos proféticos, que sabemos são de 360 dias, dá **483 anos**, ou seja 69 x 7.

Lembramos ao leitor que na contagem do tempo, de anos antes de Cristo (A.C.) para a Era cristã (A.D.), temos de descontar um ano, o que se pode compreender facilmente, notando que qualquer mês de 1 A.C. ao mesmo mês do ano 1 A.D. não perfaz dois anos, mas um só. Para a contagem dos anos bissextos acima feita, lembramos que, pela reforma Gregoriana, os anos seculares só se contaram como bissextos de 4 em 4 séculos».

«Não vos pertence saber os tempos e as estações que O Pai estabeleceu pelo seu próprio poder» (Actos 1:7).

In *«Leituras Cristãs»*, 1923
Adaptado